

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 1

Título: "A HOSPEDARIA" - "CASA DE PASTO"

Título da Série: MINI TEATRO

Autor (obra original): COSTA, JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA

Adaptador: JACQUES, EDUARDO

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 9/4/1975

Data de Emissão: 16/4/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JORGE SILVA MELO	MORGADO
VICENTE GALFO	ESTUDANTE
LUIS SANTOS	CAPITÃO
GLICÍNIA QUARTIN	DONA FUSCA
HELENA JABEL	DONA LAMBUZADA
TERNANDA ALVES	DONA TRAPALHONA
JOSÉ GOMES	GAZEIRO
CARLOS QUEIROZ	PIRANQUEIRO
LUIS ALBERTO	ALCADE

Estado de conservação: Bom ☐

Razoável ☒

Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒

Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐

Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

16/4/75 (V.S.F.F.) ⇨

Notas:

- DIR ARTISTICA - MÁRIO JACQUES

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N° <u>302</u>	PROGRAMA <u>90</u>
DATA DE LANC. DE <u>9 ABR. 1978</u>	EDICAO DE <u>21/4/75</u>
PEDIDO DE GRAVACAO	<u>15-15</u> HORAS
A GRAVAR EM <u>16/4/75</u>	VISTO
HORA <u>10-00</u>	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

Título	"A HOSPEDARIA"
	Entremez de cordel (Séc.XVIII)
Título original	"Casa de Pastor"
Autor	JOSE DANIEL RODRIGUES DA COSTA
Adaptação radiofónica de	Eduardo Jacques.

Personagens:

O Morgado de aldeia
 O Estudante, ilhéu
 O Capitão

Dona Fusca

Dona Lambuzada, sua filha

Dona Trapalhona, sua filha

Careiro, patrão da hospedaria

Pirangueiro, seu moço

Alcaide.

"A HOSPEDARIA"

UM

HOSPEDARIA. INTERIOR.

MORGADO - Agora acabou de crer que tenho umas mãos bem talhadas. Bem talhadas mãos. Que brancura! Que brancura! - Tem reparado nas minhas mãos, senhor estudante? Tem reparado nas minhas mãos, senhor Capitão?

ESTUDANTE - Ora tomara-lhe os meus cuidados, senhor Morgado.

MORGADO - Mas quais cuidados, senhor estudante?

CAPITÃO - Pensasse o nosso Morgado em seus calotes, e menos na brancura das suas mãos!...

MORGADO - Mas quais calotes, senhor Capitão?

ESTUDANTE - E faz-se de novas!

CAPITÃO - Faz-se de novas, o nosso Morgado!

ESTUDANTE - Com que, Vossa Mercê vê as aflições em que estamos, com falta de dinheiro, e Vossa Mercê...

MORGADO - "Vossa Mercê", senhor estudante?! Que diabo de falar é esse? "Vossa Mercê", cá, "Vossa Mercê", lá! Como se andássemos na escola! "Vossa Mercê" a um homem da minha qualidade, a um homem ilustre, a um homem fidalgo, a um homem... Enfim, a um Morgado lá de cima faz o senhor estudante andar cá por baixo com um "Vossa Mercê"? Já ontem, na assembleia de Dona Tarela, me deu esse tratamento; e o que me suspondeu, senhor Capa Curta, de lhe tomar satisfação, foi o lembrar-me que estamos companheiros nesta hospedaria. E, se o senhor Estudante veio das Ilhas para estudar e fazer-se gente, eu já o sou, e vim da minha terra requerimentos.

ESTUDANTE - Senhor Morgado, menos calotes, que logo assentam bem às Senhorias. Parece-lhe bonito chegar o sapateiro: "Aos pés de Vossa Senhora o que me deve"; vir o cabeleireiro: "Deus guarde a Vossa Senhora a paga de três meses"; ao mesmo tempo, o alfaiate: "Guarde Vossa Senhora o dinheiro daquele vestido que comprou em segunda mão"...

CAPITÃO - E sobretudo aquele homem a quem o nosso Morgado chupou um relógio emprestado e o mandou empenhar, vindo uma e muitas vezes aqui, à hospedaria! Com que ânimo lhe dará esse homem Senhora?

MORGADO - Com que ânimo? Essa é boa! O senhor estudante quanto mais estuda, menos sabe. E do senhor Capitão não falemos. -
- Todas essas figuras, a quem devo, me seguram mais a no-breza.
Vossas Mercês, que sabem ao que eles vêm, pareces-lhes mal. Mas toda essa Vizinhança, que vê a imensa gente que me procura, com razão dirá: "O Morgado que está na hos-pedaria é bem procurado; tem muito dependente." E, cui-dando que eles buscam a minha protecção, ninguém me verá que me não diga: "Quero obedecer a Vossa Senhora, que passe bem Vossa Senhora, escravo de Vossa Senhora."
As mesmas moças das janelas: umas, "É perfeito, Sua Senho-ria"; outras, fazendo levantar as mãos, "Venham ver, venham ver, lá chegou à janela do quarto Sua Senhora".
- Ah, senhor Capitão, não reparou ontem, na partida de Dona Terela, dizer aquela menina de testa grande àquela que tinha só um olho: "Sua Senhora é bem falante."?
- Meu amigo, eu não sou tolo; estudei Gramática e Retóri-ca. Reparei ontem em o senhor estudante dizer errado um texto latino que meteu na conversa.

CAPITÃO - Sim, senhor. Sim, senhor. Anda o nosso Morgado pelo latim, como quem anda por sua casa. Já cá se sabe...

ESTUDANTE - Senhor Morgado, tudo está bom. Mas eu estou sem dinheiro, falando com amizade, você sem dinheiro e o companheiro Capitão sem dinheiro. Crescem as basófilas, tardam as me-sadas; e essas deminutas. Três quartos de vinho que me

vieram das Ilhas tomaram-nos por perdidos. Não tenho vintém. Queria ostentar de cavalheiro para com os de cá, e não posso. Estamos em dívida nesta casa, e não sei que fim terá esta história.

MORGADO - Você de tudo se aflige. Dez moedas, em dinheiro, assim num papel, ou em dívida, tudo são moedas. - Nada de amofinações, respirar livre, respirar livre. - Basta nestas casa a palavra "Morgado", para tudo andar a três de fundo. - O que eu quero é que vocês, diante de gente, me dêem o meu tratamento.

CAPITÃO - Que tratamento? Que tratamento? Ainda que somos companheiros, não posso deixar de perder a paciência com as afectadas fidalguas de alforge. Homem que quer Senhoraia não come em uma tenda sardinhas fritas como você ontem comeu.

MORGADO - Você, que me viu, estaria de outra parte comendo outras tantas.

CAPITÃO - Mas eu não quero Senhoraia, suposto a podia ter. E, quando me vem uma cesta de doces, reparto com os amigos e não os como debaixo dos lençóis.

ESTUDANTE - De "Vossa Mercê" ou de "Vossa Senhoraia", sim senhor, estou enjoado de sofrer despropósitos. E, se eu soubesse que era tão vilão, não me metia nesta hospedaria com tal sociedade.

MORGADO (Gritando) - Ó cão, que o esgano! A mim, vilão! - Se quer saber quem sou, procure na minha província a fama que tem este Morgado: lá verá o meu palácio, lá verá a minha valharice. Repare lá nas minhas bestas, veja as armas da minha sege, as librés dos meus lacaios. Lá nunca faltou este Morgado nas melhores funções; jantares e mais jantares.

ESTUDANTE - Sim, senhor, eu tenho notícia. Um patrício seu me disse que os ia, comer à casa alheia, de que lhe provém o ser

de alcunha "O Sempre-Visita".

CAPITÃO - Enfim, haja moderação. Cuidemos em tapar a boca ao patife desta casa, que está desesperado por dinheiro. - Indo-lhe pedir um pouco de chá, respondeu-me asperamente a cozinha que avisasse os companheiros, que desde que entramos nesta casa lhe devemos cinco meses, que tem um rol de cento e quarenta e tantos mil réis de todos os que tem em casa que ninguém lhe paga e que não tem com que comprar na Ribeira o peixe ou a hortaliça. Aqui para nós, ele tem razão.

MORGADO - Pois não respeita a minha Senhora, para deixar de pedir dinheiro?

ESTUDANTE - Ele respeitá-la-ia, se ao jantar e à ceia, por peixe ou carne, lhe desse a comer um prato de Senhorias. Mas, como ele, na Ribeira, ninguém lhe dá Senhora, puxa pela bolsa, e, com moeda corrente, paga ao açougue e à peixeira.

MORGADO - Pois quero dar ordens ao seu moço. (Chama) ó Piranguinho Piranguinho!

PI aproxima-se rápido.

PIRANGUEIRO - Senhor, aqui estou sem mais demora! Estava limpando esta caçarola.

MORGADO - A toda a pressa quero o car, que tenho que fazer.

PIRANGUEIRO - E os senhores também?

ESTUDANTE - Traz também ceia para nós!

CAPITÃO - Pois somos menos que o senhor Morgado?

PIRANGUEIRO - Que há-de querer o senhor estudante?

ESTUDANTE - Dois ovos fritos e meio quartilho de vinho.

PIRANGUEIRO - E Vossa Mercê, Senhor Capitão?

CAPITÃO - Uma posta de cavala e duas laranjas.

PIRANGUEIRO - E Vossa Mercê, senhor Morgado?

MORGADO - "Vossa Mercê", a mim?! Já te disse uma e muitas vezes que tenho Senhoria!

PIRANGUEIRO - Perdoe Vossa Senhoria. Vossa Senhoria que há-de cear?

Veja Vossa Senhoria o que quer. Tudo se fará para Vossa Senhoria. Eu não me lembrava que Vossa Senhoria tinha Senhoria. Com sua advertência, terá sempre de minha boca Senhoria. Em mim, tem Vossa Senhoria um criado, que serve por gosto a Vossa Senhoria. Assim Vossa Senhoria me desce uns calções, que tenho estes muito rotos, que eu agradecerá a Vossa Senhoria...

MORGADO - Dar, não posso. Ainda vendidos te faço a esmola de te acudir com eles. Dize ao patrão que desconte do meu rol por ele três tostões. - Pega lá nestes.

PIRANGUEIRO - Se Vossa Senhoria ainda lhes dá uso, eu não quero o incómodo de Vossa Senhoria. Se Vossa Senhoria tira a substância aos seus criados como tira os fundos aos seus calções, estão bem aviados com Vossa Senhoria. Aqui não há que escolher, é calção que tem mais de vinte pernas. Por toda a parte tem entrada, - Mas diga Vossa Senhoria o que ceia.

MORGADO - Chama o teu patrão.

PI afasta-se.

PIRANGUEIRO - Sim senhor. Servo de Vossa Senhoria. Guarde Deus a Vossa Senhoria. Passe Vossa Senhoria muito bem.

ESTUDANTE - Senhor Morgado, não meta o caso à bulha. Eu quero mandar

empenhar os meus livros e a minha batina, para ajuda do pagamento deste homem, e Vossa Mercê veja como há-de acomodar este patrão com algum dinheiro.

MORGADO - Nada de amofinações, respirar livre, respirar livre.

CAPITÃO - Pois não lhe dão abalo estas coisas?

MORGADO - Estava bem aviado se, por dever a um homem, me punha cheio de melancolia até aos olhos. Desde o berço, o meu natural é ser alegre. Respirar livre, respirar livre.

ESTUDANTE - Costumou-se aos calos, não há erva que lhes cure.

MORGADO - Conversemos em outra coisa. Murmuremos um bocadinho da função de quinta-feira. Enormes caras se viam naquela assembleia.

CAPITÃO - É verdade, caras bem enormes, bem amarelas. Parecia que não dormiam há dez noites.

ESTUDANTE - Com os penteados, fazem-se bichos do mato. Aquele que levava o chapéu de esteira de bicho adiante ia o diabo.

MORGADO - Pois a do vestido de chita parecia mesmo a cortina da minha alcova.

ESTUDANTE - Eu gostei muito daquela que lhe rebentaram os atilhos do vestido e lhe caiu no chão.

CAPITÃO - Fizeram reparo em uma que trazia capa solta? Tinha por baixo um colete tão sujo, que suponha era a morada de quantas pulgas e percevejos há em Lisboa. E como estava presumida!

ESTUDANTE - Essa foi a que caiu a fazer a mesura do minuete. Tão baixa a quis fazer, que se assentou no chão.

MORGADO - E aquele sujeito que se ajoelhou ao pé dela, não repararam? Com uma sobrecasaca que precisava caudatário. - E o dono

da casa desvanecido, porque as filhas cantavam ao cravo.

CAPITÃO - E a tia desdentada, cheia de cabelos brancos, no canto da parte esquerda a namorar-me?

ESTUDANTE - Do chá, não falamos!

MORGADO - Tomar daquele chá, é dar ópio às tripas.

ESTUDANTE - E repararam no bule?

CAPITÃO - Pois o açúcar era mascavado.

MORGADO - Eis aqui de que serve dar funções em casa. Se a que fez anos não nos convidasse, não retalharíamos tanto a função.

ESTUDANTE - Depois de murmurar como nós, é que faz o escrúpulo.

CA apr.

CAREIRO - Disse-me o meu moço Pirangueiro que me chamavam. Que pretendem, meus senhores?

MORGADO - Senhor Careiro, eu mandei-o chamar, porque quero ajustar contas o saber que lhe devemos de cinco meses que aqui estamos.

CAREIRO - Pois não farei esperar Vossa Mercê.

MORGADO - "Vossa Mercê"?! Você também, Careiro duma figa?! Pois não lhes ensinei já a todos que tenho Senhora?!

CAREIRO - Senhora! Agora me recordo! Perdoe Vossa Senhora! Aos pés de Vossa Senhora! Criado para servir Vossa Senhora! Passara-me de memória que Vossa Senhora tinha Senhora! De minha boca, não mais ouvirá Vossa Senhora que não sejam Senhora! Mas, se agora Vossa Senhora quisesse ter a bondade de ouvir o rol do que me deve, criado de Vossa Senhora!

MORGADO - Venha ele.

CAREIRO - Pois Vossa Senhoria saberá que, pelos réis, se mostra a quantia de setenta mil e novecentos réis, não falando em meio tostão de carne e um vintém de sopa que Vossa Senhoria mandou dar àquelas senhoras que procuraram Vossa Senhoria.

MORGADO - Meteu na conta aquela cabeça de pargo cediça, que me disse estava fresca, por que me levou oito vinténs? Que quer que lhe chame a isto? Lembra-se de quando me mandou arroz com cascas de berbigão, porque o peixe não o vi? Lembra-se dum prato de ervilhas que não chegava a meio arrátel, que custariam cruas dois vinténs, com dois ovos, e levar-me por elas dois tostões? E então, Vossa Mercê, senhor Careiro, entende que viemos para a sua hospedaria, para nos pôr a faca aos peitos por semelhante modo?

CAREIRO - Vossa Senhoria também vai logo às do cabo. Não se lembra que tenho muitos réis de dívidas e que uns hão-de suprir os outros? Quando cobrarei eu dezóito mil réis de um peraltinha de espadim de aço? Quando cobrarei três moedas duma senhora de relógio à cinta? Hei-de com estas divisas pagar as casa, satisfazer ao moço, e surtir a minha cozinha? Ah, senhor Morgado, tem chegado a muita parte a arte de calotear. Vivamos todos, venha dinheiro, e descontarei as suas queixas.

MORGADO - Dinheiro a seu tempo, nada de amofinações. Respirar livre, respirar livre, melancolias fora. Não tenho agora, mas pagarei.

CAREIRO - Então para que me chamou?

MORGADO - Para saber que tem que dar a cear.

CAREIRO - Há pargo, ervilhas, feijão verde ripado, miolos com ovos, vitela assada, alguma guisada, peixe frito de escabeche, cebolas recheadas e água quente com açúcar.

MORGADO - E que mais?

CAREIRO - Quer mais? Há salada de pepino e alface. Há pescada, cavala, sardinhas fritas e abóbora.

MORGADO - E que mais?

CAREIRO - Ainda que mais? Há frango de ensopado, eirões, galinha assada, sopa de leite, língua de vaca, ruivões e pombos de empanadas.

MORGADO - Irra, que nada o farta. - Há pudim, tortas de recheio, salsichões, macarrão, favas com presunto e panelinhas de queijo.

MORGADO - Está bem, tenho escolhido. Mande-me um pratinho de salada, e dez réis de pão.

CAREIRO - Sim senhor. Ora está bom o despacho. Abalaram-se os montes, pariram um rato. (Af.) Tanta coisa, para dez réis de pão e um pratinho de salada!

CA af.

PI apr.

PIRANGUEIRO - Senhor Morgado, senhor estudante e senhor Capitão! Estão aqui, para os visitar, Dona Lambuzada, Dona Trapalhona e sua mãe Dona Fusca.

MORGADO - Pois que entrem.

ESTUDANTE - Não há mais remédio!

CAPITÃO - E esta, han?

LA, TR, FU em plano
um pouco af, marcando
entrada porta.
PI af rápido.

DONA LAMBUZADA, DONA TRAPALHONA, DONA FUSCA (Em coro) - Como estais, meus senhores?

PIRANGUEIRO (Para si) - E não perderam pela demora! (Af rápido) Com vossa licença, meus senhores.

LA, TR, FU apr rá-
pidas.

LAMBUZADA - Como está, meu senhor Morgado?

MORGADO - Para a servir, Dona Lambuzada.

TRAPALHONA - Adeus, meu estudantinho!

ESTUDANTE - Seja Deus convosco, D. Trapalhona.

FUSCA - Adeus, senhor Capitão, como está?

CAPITÃO - Oh, senhora D. Fusca, criado seu.

MORGADO - (Para si) - Chamarei o moço, para que me dê Senhora diante desta gente. (Chama) Pirangueiro! Pirangueiro!

PI apr ráp.

PIRANGUEIRO - Senhor Morgado! Que deseja Vossa Senhora?

MORGADO - Nada. Vai-te embora.

PI af

PIRANGUEIRO - Servir a Vossa Senhora. Sempre aos pés de Vossa Senhora. Criado de Vossa Senhora.

LAMBUZADA - Meu Morgado, meu bem querer!

MORGADO - Ora... D. Lambuzada... então a estas horas por cá?

TRAPALHONA - Meu estudantinho! Tem passado bem?

ESTUDANTE - Agradecido. - Isto é grande novidade, D. Trapalhona.

FUSCA - Ah, senhor Capitão! Como está? Como lhe vai?

CAPITÃO - Criado seu, D. Fusca, criado seu.

FUSCA - Estas raparigas têm-me atormentado hoje muito. A mais velha teve uma convulsão por feitiço tal que ninguém a segurava. Punha os olhos em alvo, mordida os beiços, dava muito murro em todos, até que veio o nosso vizinho cirurgião - que é um perfeito rapaz! Fez-lhe umas esfregações e mandou pôr em brasa uns tijolos, para lhe pôr na boca do estômago. Só de ouvir o remédio, tornou a si. - A mais pequena sempre achacada por causa dumas anquinhas que lhe não saíram a seu gosto. - Eu também, padecendo com um jejum que tenho tido fora dos que manda a Santa Madre Igreja...

CAPITÃO - Casos lamentáveis e dignos de toda a compaixão. Os jejuns da mãe, os muros da mais velha, as anquinhas da mais moça são queixas irremediáveis.

ESTUDANTE - (A parte) Ora gabou-lhe a pachorra com que se põem na rua uma mãe e duas filhas para virem a uma hospedaria de uns homens solteiros.

MORGADO - Pois minhas senhoras, melancolias fora, nada de amofinações. Respirar livre, respirar livre.

LAMBUZADA - Que vestia de chita tão bonita! Ó senhor Morgado, dá-me essa vestia, que quem não tem coisa assim não é gente?

MORGADO - Ela ainda está em bom uso e serve-me muito bem. Deixe-me trazê-la mais um par de meses, e então falaremos.

TRAPALHONA - Ó meu estudante, dá-me alguma coisa?

ESTUDANTE - Tomara eu tê-la, D. Trapalhona! - Ah, senhora D. Fusca, a moléstia das suas filhas é outra. Pedem muito para hóspedes.

TRAPALHONA - (Em segredo à irmã) - Ó mana, o senhor Morgado tem umas fivelas de pedras em cima daquela mesa.

LAMBUZADA - (Em segredo à irmã) - Tira-lhas e esconde-as.

MORGADO - (Chama) - Pirangueiro! Pirangueiro!

Pl apr ráp.

PIRANGUEIRO - Senhor Morgado! Que ordena Vossa Senhoria? Aos pés de Vossa Senhoria!

MORGADO - Diz ao patrão que cearemos quando viermos, que vamos a passeio e que respire livre. (Baixa a Pirangueiro) Agora dá-me muita Senhoria.

Pl af.

PIRANGUEIRO - Farei o que ordena Vossa Senhoria! Aos pés de Vossa Senhoria. Em Vossa Senhoria vindo, virá a ceia para Vossa Senhoria. Veja Vossa Senhoria se quer mais alguma coisa. Sou criado de Vossa Senhoria.

TRAPALHONA - (Em segredo à irmã) - Ó mana, o Morgado tem bem tratamento!

LAMBUZADA - (Em segredo à irmã) - E tem Senhoria!

TRAPALHONA - (IDEM) - O que já não tem, são as fivelas.

LAMBUZADA - (IDEM) - Então?

TRAPALHONA - (IDEM) - Já cá cantam.

LAMBUZADA - Ah!

TRAPALHONA - (IDEM) - Na minha bolsa.

CAPITÃO - Pois, senhoras, vamos a passeio que os dias são pequenos.

FUSCA - Ó senhor Morgado, eu estou em jejum.

MORGADO - Nada de amofinações. Respirar livre, respirar livre, melancolias fora! Nada melhor que sair a passeio. - Vamos

todos à Praça da Figueira!

LAMBUZADA, TRAPALHONA, FUSCA (contentíssimas) - à Praça da Figueira!

DOIS

NA PRAÇA DA FIGUEIRA.

AMBIENTE EM FUNDO.

MORGADO - Ah!... Nestas pedras podemos descansar.

LAMBUZADA - Sento-me juntinha a si, senhor Morgado!

MORGADO - D. Lambuzada! Respirar livre, respirar livre!

TRAPALHONA - Meu estudantinho, não me fuja!

ESTUDANTE - Fugia agora, D. Trapalhona!

FUSCA - E nós, senhor capitão ? Também juntinhos !

CAPITÃO - Oh, por quem é, D. Fusca!

FUSCA - Senhor Morgado, eu estou em jejum...

MORGADO - Nada, minha senhora, de amofinações. Respirar livre, respirar livre! (A parte) - Estou com meio tostão de meu...
- (ALTO) Melhor é mandar vir queijo, pão e fruta.

CAPITÃO - (BAIXO) - É mais barato.

ESTUDANTE - Concordo nisso.

CAPITÃO - Queijo, pão e fruta.

MORGADO - Psst! Ó rapaz, anda cá! - Toma este meio tostão, traze-me um vitém de queijo, dez réis de ameixas e um vitém de pão, ouviste ? E depressa. Mas olha, não as comas pelo caminho. - Quem tem aí um lenço ?.

TRAPALHONA - Aqui está o meu. Ai de mim, que estou perdida!!

MORGADO - Vossa Mercê, para mudar os trastes duma casa; não é má!
Com que, na sua bolsa as minhas fivelas!

LAMBUZADA E TRAPALHONA (Em coro) - Não faça casa! Respirar livre, respirar livre !

MORGADO - Como me tornarem às mãos...

ESTUDANTE - Ah, senhor Morgado, melancolias fora.

CAPITÃO - Melancolias fora, senhor Morgado, melancolias fora.

FUSCA - Enquanto não vem o rapaz, Vossa Senhoria cante alguma coisa com a sua linda voz!

MORGADO - Pois quereis, minhas senhoras ?

LAMBUZADA, TRAPALHONA E FUSCA - (Em coro) - Melancolias fora! Melancolias fora !

MORGADO - Há muito tempo que não canto. Andei na solfa, mas, porque os que lá andavam comigo me não davam Senhoria, meu pai não quis que eu continuasse. - Também sou poeta. Isso sou!

FUSCA - Oh! Poeta! Ora diga alguma coisa que divirta a gente!

MORGADO - Pois minhas senhoras: Soneto que fiz a uns anos!

SONETO

Senhora, os vossos olhos são tão galantes,
Que ainda os não vi mais belos.
Quem pudera chegar a tempo de merecê-los!
Tendes uns olhos que são prisões de todos os amantes;
Por eles vivo e morro todos os instantes,
Por eles...

FUSCA - O rapaz fugiria com o dinheiro!? tomara comer.

for eles...

FUSCA - O rapaz fugiria com o dinheiro!? tomara comer.

-15-

ESTUDANTE - Isso é o verdadeiro, que versos não sustentam.

MORGADO - Ainda caírei em fazer versos diante destas senhoras?!

CAPITÃO - Cantar! Cantar é melhor!

LAMBUZADA E TRAPALHONA (Em coro) - Cantaremos nós ?

FUSCA - Ai, meninas, que aí vem a ronda!!

OS OUTROS E TODOS - A ronda ?!

AL apr ráp.

ALCAIDE - Eh! Ninguém se mova daí ! Ninguém se mova daí ! - Vossas Mercês são as senhoras que eu procuro, inquietadoras da vizinhança, e desassossegos destes peraltinhas de bandurra.

LAMBUZADA, TRAPALHONA, FUSCA - Nós ?!

ALCAIDE - Já todas para a masmorra !

LAMBUZADA, TRAPALHONA, FUSCA - Oh !!!

ALCAIDE - Seja a mãe a primeira, por consentidora, que, se não foi o exemplo de boa educação de suas filhas, seja o exemplo do castigo, que este é o fruto duma vida tão desordenada.

LAMBUZADA, TRAPALHONA (Numa lamúria) - Oh, minha mãããããe!!!.....

MORGADO - (Escandalo) - Oh!!

LAMBUZADA, TRAPALHONA, FUSCA (Surpresa e desolação) - Oh...!

ALCAIDE - ... Cheio de calotes...

LAMBUZADA, TRAPALHONA E FUSCA - Oh!!

ALCAIDE - ... E confundindo tão vilmente o bom proceder dos que o são, já para o Limoeiro.

LAMBUZADA - Ai, meu Morgada!!!

ALCAIDE - Os dois outros senhores vão em paz, que não são menciona-
dos no meu rol, 2

FUSCA - (Chorando) - Minhas filhas enganam e fazem meia a estes
meninos.

LAMBUZADA, TRAPALHONA - (Em coro) - (Chorando) - Nós em nada somos
culpadas.

MORGADO - E eu!? Sou-o porventura?! - Companheiros! Não me valem?!
Meu estudante, acode-me!

ESTUDANTE - Nada de amofinações. Vossa Senhoria ensina a respirar li-
vre, respirar livre.

MORGADO - Meu capitão! Por quem és!

CAPITÃO - Melancolias fora! Melancolias fora!

ALCAIDE - Depressa, depressa, vamos aviando. Basta de lágrimas. Um
viver estragado, más acções e ridicularias afidalgadas só
têm este prémio, que se expõe ao público, para que os bons
se consergem na sua primeira e louvável educação, e para
que os maus se enredem de vícios tão péssimos.

LAMBUZADA, TRAPALHONA, FUSCA (Numa lamúria) - Senhor Estudante! Senhor
Capitão !

MORGADO - (Numa lamúria) - Senhor Alcaide!

ESTUDANTE - Vamos aviando!

CAPITÃO - VAMOS AVIANDO !

ESTUDANTE E CAPITÃO - (Em coro) - Melancolias fora! Melancolias fora!

FIM



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa

Miniteatro - "A Hospedaria"

Referência

N.º/R.P.L. 302/
N.º S.P.P.

Episódio N.º

Datas

da gravação 16 de Abril
da 1.ª emissão 21 de Abril

de 1975 às 10.00 horas.

de 1975 Programa 1.º - 14/3

Director artístico

Mário Jacques

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
Jorge Silva Melo	Morgado de aldeia	Jorge Silva Melo
Vicente Galfo	Estadante	Vicente Galfo
Luís Santos	Capitão	Luís Santos
Glicínia Guartan	Dona Enca	Glicínia Guartan
Helena Isabel	Dona Lambuzada	HELENA ISABEL
Fernanda Alves	Dona Trapalhona	Fernanda Alves
José Gomes	Carreiro	José Gomes
Carlos Genciro	Piranguero	Carlos Genciro
Luís Alberto	Alcaide	Luís Alberto

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa,

de

de 196